



PREFEITURA DA CIDADE DE
SÃO PAULO

SECRETARIA DE ESPORTES,
LAZER E RECREAÇÃO



Espaço do Conhecimento
de Lazer e Esporte

ACORDO DE COOPERAÇÃO TÉCNICA ENTRE SEME E UNESCO – PROJETO 914BRZ1006

CURSO DE ATUALIZAÇÃO EM PEDAGOGIA DO ESPORTE

Texto de referência

Aula: Construção de ambientes de aprendizagem

Organizadoras das obras de referência:

Sheila Aparecida Pereira dos Santos Silva

Thatiana Aguiar Freire Silva

Autores:

Antenor Magno da Silva Neto

Cynthia Cleusa Pasqua Mayer Tibeau

Dante de Rose Junior

Edison de Jesus Manoel

Igor Armbrust

José Anibal de Azevedo Marques

Meico Fugita

São Paulo

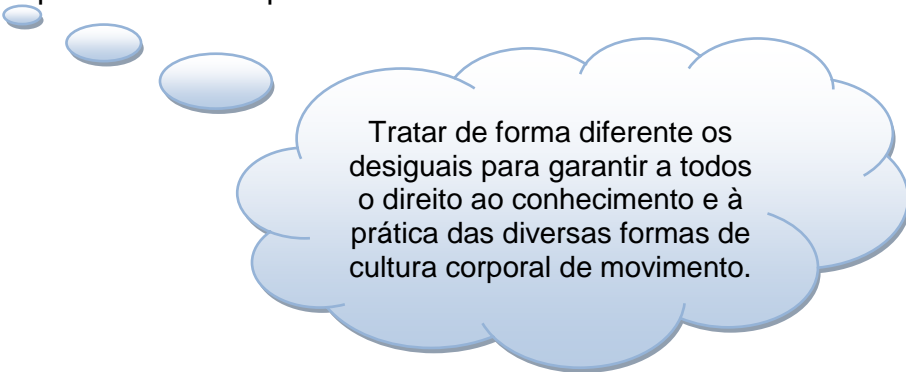
2013

SUMÁRIO

	pág.
1. O que o educador ensina? O que os alunos aprendem?.....	2
2. A relação objetivos–conteúdos–estratégias–avaliação	3
2.1 Fase 1: conhecimentos da realidade.....	4
2.2 Fase 2: construção de objetivos educacionais.....	5
2.3 Fase 3: conteúdos da aprendizagem	6
2.4 Fase 4: Estratégias de Ensino: métodos, metodologias e estilos de ensino	7
2.5 Fase 5: Avaliação.....	11
3. Criando ambientes de aprendizagem favoráveis.....	14
4. Registrar, produzir e compartilhar experiências pedagógicas.	15
5. Referências Bibliográficas	16

1. O que o educador ensina? O que os alunos aprendem?

A democratização do acesso à informação, ao conhecimento e à prática de atividades físicas acaba, muitas vezes, por acentuar as diferenças culturais, econômicas e sociais. Para tentar evitar que isso ocorra, é necessário considerar, além da igualdade de oportunidades, a diversidade de atividades e os diferentes pontos de partida de cada praticante.



Tratar de forma diferente os desiguais para garantir a todos o direito ao conhecimento e à prática das diversas formas de cultura corporal de movimento.

As atividades esportivas e recreativas oferecidas pelo Clube Escola tem caráter educacional e são compreendidas como importantes para o desenvolvimento humano. A qualidade do que se ensina por meio dessas práticas corporais deve estar alicerçada no saber fazer, no saber ser, no saber conviver e no saber conhecer, para que se proporcione a quem aprende uma oportunidade real de compreensão, inserção e transformação da sociedade de forma crítica, produtiva, cooperativa e solidária.

É, portanto, um processo intencional: deve ser planejado, organizado e sistematizado a com base nas necessidades e expectativas de quem aprende, orientado cientificamente, controlado no momento exato, avaliado e corrigido adequadamente durante sua extensão total.

O conhecimento do conteúdo das atividades gímnicas, da dança, das lutas, em geral e do esporte especificamente, não pode ser mais visto como somente a aprendizagem de técnicas, informações sobre regras ou treinamento de táticas.

Mas, quem aprende, aprende o que? O que leva a criança e o jovem a optar pelo Clube Escola. Quais suas expectativas em relação aos esportes e às atividades que vai praticar?

Fica aqui um convite à reflexão: qual motivo leva crianças e jovens a praticarem atividades esportivas? Muitos estudos tem se debruçado sobre o tema e sugerem¹ quatro fatores que influenciam a percepção de competência da criança e sua motivação para a prática. São eles: (a) experiências passadas; (b) dificuldades ou desafios associados com o resultado da tarefa; (c) suporte e interação pessoal com outros que são significativos para a criança; e (d) motivação intrínseca.

O processo ensino-aprendizagem requer do profissional uma tomada de decisão em relação à sua postura frente aos alunos e a forma de tratar os conteúdos da aprendizagem. Para isso utiliza de procedimentos de ensino que possam contribuir para que o aluno mobilize seus esquemas operatórios de pensamento e participe ativamente das atividades propostas de forma a atingir as competências requeridas. Atualmente, é empregado também o termo *estratégia de ensino* para designar os procedimentos e recursos didáticos a serem utilizados para atingir os objetivos propostos². Encontramos ainda a denominação *estilos de ensino*³ para denominar o comportamento do educador frente à aprendizagem de seus alunos.

Os procedimentos de ensino não são neutros, pois estão ancorados na concepção de ensino estabelecida nos projetos. O ponto de partida para a seleção e escolha dos procedimentos ou estratégias de ensino está centrado nas características do aluno e nas competências que se quer alcançar. O próximo passo seria identificar a maneira de se tratar o conhecimento a ser utilizado nessa etapa. Muito embora a explicitação e exemplificação desses procedimentos estejam ligadas mais diretamente ao aspecto procedimental, devem servir de referência também para os aspectos atitudinais e conceituais.

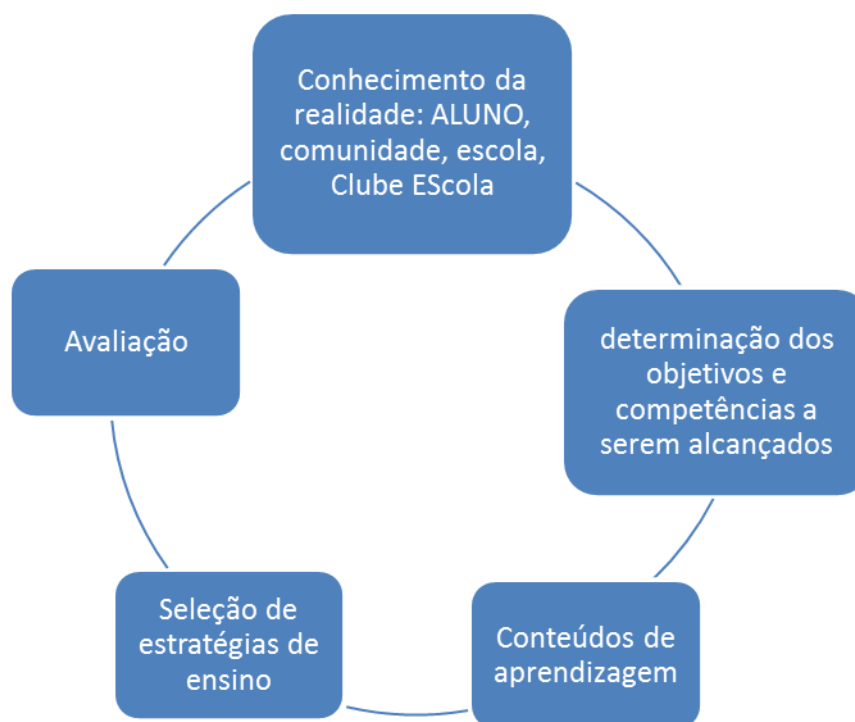
2. A relação objetivos–conteúdos-estratégias–avaliação

Criar ambientes de aprendizagem favoráveis e significativos implica refletir sobre um processo planejado, organizado e sistematizado com base nas necessidades e expectativas de quem aprende. Além disso, tal processo deve

ser orientado cientificamente, controlado no momento exato, avaliado e corrigido adequadamente durante sua extensão total.

Um planejamento eficiente tem como característica a *objetividade*, que garante fazer previsões reais das possibilidades humanas e materiais. Deve apresentar *continuidade*: uma sequência lógica e natural de atividades que atendam às reais necessidades dos alunos e *ser válido* para garantir o desenvolvimento integral dos alunos. Além disso, um planejamento é sempre *flexível*, possibilitando ajustes e mudanças quando necessário.

Etapas do Planejamento:



2.1 Fase 1: conhecimentos da realidade

Pergunta: PARA QUEM?

É importante levar em consideração que planejamos antes de termos real conhecimento de alguns aspectos fundamentais. A época da construção de um planejamento é formal e sempre antecede o contato do educador com seus alunos. Entretanto, para que se atinja com eficiência o que será proposto é necessário que o educador conheça o maior número possível as características

do grupo de alunos: faixa etária, grau de escolaridade, nível sócio-econômico-cultural, como também as informações relativas à comunidade onde os alunos vivem.

A situação geográfica do clube, as características do bairro, os costumes da comunidade, as relações com o entorno são importantes para que o professor possa entender melhor as necessidades dos alunos e fazer adequações necessárias ao planejamento das atividades esportivas do Programa Clube Escola. É importante também entender o motivo que leva crianças e jovens a praticarem atividades esportivas escolhidas.

2.2 Fase 2: construção de objetivos educacionais

Pergunta: PARA QUE?

Os objetivos a serem construídos são chamados educacionais uma vez que implicam desenvolvimento de competências cognitivas, sócio-afetivas, motoras e relacionais, necessárias para a vida em sociedade, com autonomia e criticidade. Ser competente significa agir em uma determinada situação utilizando conhecimentos e recursos que possui e que foram adquiridos e construídos a partir de situações de aprendizagem. Por essa razão, é importante que o educador construa objetivos educacionais condizentes com o alcance de tais competências, promovendo assim, uma educação integral.

Para os propósitos do Programa Clube Escola, colocamos em foco 3 grandes objetivos, vinculados aos 4 saberes:

- *Saber executar habilidades para prática esportiva de acordo com suas características pessoais e interesses.*
- *Conhecer e apreciar diferentes manifestações esportivas e explorá-las com criatividade.*
- *Estabelecer relações positivas consigo, com os outros e com o ambiente por meio da prática esportiva.*

2.3 Fase 3: conteúdos da aprendizagem

Pergunta: O QUE ENSINAR/APRENDER?

Esportes individuais terrestres;
Esportes coletivos terrestres; artes
marciais e esportes de combate;
atividades gímnicas e acrobáticas;
atividades rítmicas e expressivas,
esportes aquáticos individuais e
coletivos.

Selecionar os conhecimentos que serão necessários para que o aluno atinja os objetivos propostos. Estão elencados aqui os jogos pré-desportivos, regras, atividades que implicam trabalhos em grupo e a contextualização da modalidade esportiva trabalhada. Oferecer experiências de aprendizagem significativas que sejam exploradoras, desafiadoras e esclarecedoras, levando em conta aquilo que o aluno já conhece, sua faixa etária e seu nível de desenvolvimento.

A escolha das experiências de aprendizagem deve responder às seguintes questões:

a) as atividades ou tarefas permitem perceber os conhecimentos prévios que cada aluno tem em relação à aprendizagem?

b) são significativas, adequadas e funcionais para todos?

c) podem representar um desafio alcançável para os alunos?

d) podem promover uma atitude favorável, motivadora em relação à aprendizagem dos novos conteúdos?

e) podem estimular e permitem ao aluno sentir que aprendeu algo e que seu esforço valeu a pena?

f) podem permitir que o aluno possa ser cada vez mais autônomo em seus processos de aprendizagem?

2.4 Fase 4: Estratégias de Ensino: métodos, metodologias e estilos de ensino

Pergunta: COMO?

A partir do conhecimento das características do grupo de alunos, do estabelecimento dos objetivos a serem alcançados e do tipo de conteúdo (modalidades) que se pretende trabalhar, passamos à outra fase de decisões do educador: a seleção de métodos e estilos de ensino para o alcance dos objetivos educacionais propostos.

Na proposta pedagógica do Clube Escola a ênfase é dada ao caráter global das atividades, que têm sentido para os alunos, que oferecem maiores possibilidades de expressão e que sejam mais motivantes. Ou seja, partir da totalidade para a especificidade da atividade/esporte. O importante não é preconizar um ou outro método, ou mesmo fazer uma composição de métodos, o foco é deixar claro quais os princípios balizadores da proposta que se manifestam nos aspectos metodológicos descritos a seguir:

1 - O ponto de partida é a caracterização e definição da dinâmica de cada família e modalidade esportiva. Essa dinâmica, representada pelas características e elementos pertencentes às modalidades esportivas, permite conhecer os meios e os acontecimentos para realização das atividades. Mas, somente a utilidade não justificaria o sentido dessas manifestações. As modalidades esportivas precisam do prazer, do divertimento e da brincadeira para desafiar as competências do ser humano.

2 - As situações de aprendizagem devem apresentar e preservar essa dinâmica, os elementos a serem apresentados ao aprendiz relacionam-se a ela. Assim sendo, o praticante aprende a modalidade com suas características fundamentais, ainda que sejam necessárias adaptações da modalidade para as características e interesses do praticante.

3 - A totalidade da modalidade é sempre preservada nas ações pedagógicas. A organização dos conteúdos se pauta por garantir essa totalidade, ainda que adaptações sejam feitas nas tarefas a propósito de

mediar a apropriação das regras e da dinâmica das modalidades por parte do praticante. Caminhando nesse sentido, mesmo que seja necessário criar tarefas mais específicas, focando um elemento ou uma parte para a aprendizagem, o aprendiz compreende, através da vivência, a relação dessa parte com a dinâmica da modalidade, pois foi a partir dela que nasceu a necessidade de um aprimoramento específico na técnica, sem deixar de ser desafiador e prazeroso. De perto, pode parecer que se trata de ênfase na aprendizagem analítica, mas distanciando-se um pouco, é possível notar a inserção dessa prática contextualizando o todo.

4 - Para compor um ambiente de aprendizagem significativa deve-se pensar no processo em que o indivíduo se volta para si, para suas competências e interage com o outro e com o ambiente. Sendo assim, compreender a importância de planejar adequadamente auxilia a explorar: as **relações** entre os alunos que participam das aulas; os **movimentos** essenciais ou específicos das modalidades esportivas; os **objetos** que podem compor as atividades; os **ambientes** em que os alunos poderão se manifestar expressivamente; os **ritmos** que desafiam a aprendizagem. O propósito de **explorar** as variações apresentadas é refletir sobre o processo de desenvolvimento dos alunos – quem; como; quando; onde; com o que e para que - são questões que ajudam a construir intenções educativas pertinentes e significativas. Durante a construção do planejamento, detalhe o que pode explorar e registre as criações dos alunos, veja alguns exemplos:

- ✓ **Relações** – individual, coletiva, grupos pequenos ou grandes;
- ✓ **Ambiente** – aberto, fechado, grande, pequeno, quadra, salão;
- ✓ **Ritmo** – lento, rápido, musicado, aleatório;
- ✓ **Objeto** – barras, cordas, cones, bolas, arcos, árvores;
- ✓ **Movimento** – saltos, equilíbrios, lançamentos, giros, inversões.

As variáveis apresentadas podem ser exploradas separadamente ou em combinação, ampliando o número de desafios e estratégias. Esse cenário se desenvolve de forma única desafiando o educador em tarefas e etapas

importantes do trabalho pedagógico como o registro do que ocorre nas aulas e também nos processos de avaliação.

5 - Dessa forma:

a) A aprendizagem é significativa e contextualizada. O aprendiz compreende melhor, desde o início, os objetivos da modalidade/atividade.

b) A prática não é fragmentada em padrões ou gestos técnicos que, quando descontextualizados, não se transferem adequadamente para o exercício ou prática da atividade em si. Há respeito à individualidade do sujeito e as adaptações que ele faz na aplicação dos gestos de acordo com suas características e o contexto.

c) A prática possibilita a mobilização e o desenvolvimento de competências que se relacionam aos quatro pilares da educação, propostos pela UNESCO (conhecer, fazer, conviver e ser).

d) A ação pedagógica torna-se mais próxima da forma como crianças e adolescentes costumam resolver problemas, a aprendizagem torna-se envolvente e motivante, oferece mais possibilidades de expressão e desperta o prazer pela prática esportiva de forma natural e lúdica.



Para o próximo passo, o educador deve definir como será seu comportamento ou atuação frente à aprendizagem do seu aluno. Existem basicamente duas formas de classificar a postura do professor – a diretiva e a não diretiva^{3,4}. Uma não deve excluir a outra, uma vez que não existe supremacia entre um ou outro estilo. A grande decisão é saber quando utilizar modelos para a aprendizagem e quando explorar a criatividade dos alunos.

Com base nos estudos de Mosston e Ashworth³, propomos o estudo, análise crítica e utilização dos estilos:

Estilo por Descoberta Dirigida.
Estilo Divergente ou Resolução de Problemas.
Estilo de Programa Individualizado.
Estilo para Alunos iniciados.
Estilo de Auto-aprendizagem.

Estilo de ensino por Comando.
Estilo por Tarefa.
Estilo Recíproco.
Estilo de Auto-avaliação.
Estilo de (ou por) Inclusão.

Estilos relacionados a operações cognitivas e implicações sócio-afetivas que levam à criatividade. Formas de trabalho nas quais o aluno é protagonista e a principal meta é sua autonomia. O aluno é estimulado a buscar novas respostas, a inventar, a aprender a aprender, ir além do conhecido, sendo o professor mediador e facilitador da construção de conhecimento do aluno.

O professor demonstra e explica atividade a ser aprendida pelo aluno. A utilização desses estilos de forma indiscriminada e por períodos de tempo prolongado não é indicada e prejudica o alcance de objetivos de independência do aluno.

Nos estilos diretivos existe uma dependência do aluno em relação ao modelo e à explicação dados pelo educador. Essa forma de trabalho é muito criticada no meio educacional, mas é necessário que se entenda quais objetivos podem ser alcançados por meio desse estilo. Se a busca é por

uniformidade, execução sincronizada, aprendizagem de técnicas, precisão de movimentos, eficiência de tempo útil e segurança, entre outros, os estilos diretivos são mais apropriados. A utilização das estratégias ou estilos por comando e por tarefa de forma indiscriminada e por períodos de tempo prolongado não é indicada e prejudica o alcance de objetivos de independência do aluno. Entretanto, os estilos recíproco, por auto-avaliação e por inclusão oferecem, entre outras coisas, possibilidades de interação entre os alunos, de realização de *feedback* intrínseco e oportuniza diferentes níveis de execução.

Nos estilos não diretivos estão relacionadas a operações cognitivas e implicações sócio-afetivas que levam à criatividade e à autonomia, nas quais o aluno é protagonista. O aluno é estimulado a buscar novas respostas, a inventar, a aprender a aprender, ir além do conhecido, sendo o educador mediador e facilitador da construção de conhecimento do aluno. Isso exige que o educador esteja preparado para propor problemas e situações relevantes, aceitando e valorizando as ideias e as soluções encontradas pelos alunos.

2.5 Fase 5: Avaliação

Avaliar é determinar em que medida os objetivos previstos em um planejamento estão (foram) alcançados. Se na fase 2 estabelecemos objetivos e competências a serem alcançados, devemos buscar formas de verificar até que ponto isso ocorreu. O que se objetivou no início do processo deve ser verificado ao final de algum tempo. Se entendermos que a avaliação é um componente intrínseco do processo ensino-aprendizagem, sua falta acarreta uma lacuna, um vazio, uma fase ou frase sem ponto final. Portanto, o processo de avaliação começa e tem maiores chances de ser válido quando os objetivos a serem alcançados forem definidos de forma clara e consistente.

Entretanto, ainda existem alguns desafios a serem superados em relação a esse assunto:

- *A mentalidade tradicional de avaliação como classificação, exclusão e prova(ção).*

- *A falta de conhecimento sobre avaliação como parte do processo ensino-aprendizagem.*
- *As práticas de mera verificação para avaliação de fato.*
- *O entendimento restrito de avaliação como prática mecânica e extremamente técnica.*

Existem, basicamente, três **formas de avaliação**:

a) Avaliação formativa: é realizada durante todo o processo ensino-aprendizagem e serve para:

- Verificar se os objetivos educacionais estão sendo alcançados.
- Conhecer erros e acertos, estimular para um trabalho/estudo sistemático.
- Orientar o trabalho do educador.
- Deve trazer novas oportunidades de aprendizagem, permitindo que o aluno reflita sobre seu próprio desenvolvimento.

b) Avaliação somativa: é realizada ao final do curso, ano letivo ou unidade de ensino e se destina a:

- Avaliar e classificar os resultados de aprendizagem, atribuindo notas ou conceitos.
- Sua finalidade é eminentemente verificadora, certificadora e seletiva.

c) Avaliação diagnóstica: pode ser realizada no início de um curso, ano letivo ou unidade de ensino e tem como finalidade:

- Estabelecer o perfil inicial do grupo ou de cada aluno, detectando conhecimentos já adquiridos, ausência ou presença de pré-requisitos, dificuldades específicas de aprendizagem.
- Estabelecer indicadores de desempenho, estabelecer prognóstico.

Uma forma de valorizar a avaliação formativa é possibilitar sua prática realizada sob **diferentes olhares e perspectivas**:

AUTOAVALIAÇÃO:

Realizada pelo próprio sujeito sobre o seu processo evolutivo.

COAVALIAÇÃO:

O grupo sendo avaliado por outros grupos ou cada aluno sendo avaliado por seus companheiros, tendo em vista o trabalho realizado.

HETEROAVALIAÇÃO

Efetuada pelo professor sobre os alunos.

De modo geral, existem três **técnicas** de avaliação com inúmeras variações de **instrumentos**. Quanto mais formas diferentes forem utilizadas para avaliar o aluno, mais próximo se chega a um resultado eficiente.

a) Técnica da **OBSERVAÇÃO:**

- Informações sobre diferentes habilidades sócio-afetivas e motoras.
- Elaborar um instrumento de registro, com critérios determinados com antecedência e que estejam de acordo com os objetivos estipulados.

Instrumentos: **Ficha de controle e Lista de checagem.**

A partir de uma tarefa o professor elenca critérios para observar comportamentos previstos nos objetivos educacionais.

b) Técnica de **INQUIRIÇÃO**

- Perguntar ou solicitar ao aluno que explique ou escreva um tema.
- São obtidas informações sobre o domínio sócio-afetivo e cognitivo.

Instrumentos: **trabalhos em grupo** (utilizando diferentes formas de expressão - oral, escrita, corporal); **grupo de verbalização e/ou observação** (debates); **Portfólio; Mapa Conceitual ou mental; Questionário** (perguntas abertas ou fechadas).

É necessário que se tenham claros quais foram os objetivos projetados, caso contrário a avaliação representará um tipo de avaliação apenas da memória do aluno, deixando de lado habilidades importantes.

c) Técnica de **TESTAGEM**

- Informações sobre o domínio cognitivo, sócio-afetivo e motor.
- Instrumentos: **testes padronizados e testes construídos pelo professor.**

É uma das técnicas mais discutidas quanto ao seu uso. Entretanto, se o objetivo é que o aluno melhore determinada técnica, habilidade ou capacidade física, o teste será uma técnica adequada para saber de que ponto o aluno partiu e onde conseguiu chegar.

Vale ressaltar que a avaliação tem a finalidade de auxiliar não só no trabalho do professor, mas, principalmente, na perspectiva de desenvolvimento do aluno. Avaliar, nesta concepção, não é testar ou verificar capacidade na realização de determinada tarefa, mas acompanhar a evolução autorreferenciada pautada no desenvolvimento de competências. Assim, professor e aluno fazem parte de um mesmo processo avaliativo, integrado, cujo objetivo é oferecer a ambos a possibilidade de refletirem constantemente sobre suas ações.

3. Criando ambientes de aprendizagem favoráveis.

O planejamento de ensino elaborado de forma fundamentada e reflexiva é fundamental para criar ambientes favoráveis de aprendizagem, mas existem outros aspectos que devem ser levados em conta para garantir a qualidade da aula: o ambiente físico, os equipamentos disponíveis e a possibilidade de criar outros, o número de alunos e o grau de relacionamento entre eles.

Sobre o tempo de duração de cada sessão: devem ser previstos momentos de diálogo, pausas de descanso lúdicas, pontualidade (do educador e dos alunos). É desejável estabelecer inicialmente e em conjunto com os

alunos, formas de conduta que se espera antes, durante e depois das aulas, como um contrato pedagógico.

Existem diferentes jogos e dinâmicas de grupo que podem auxiliar o educador a criar climas favoráveis em suas aulas. Também é importante que o aluno tome consciência daquilo que já sabe, o que quer aprender e, ao final, o que realmente aprendeu na aula e como isso interfere em sua vida. A partir das respostas dadas pelos alunos o educador pode estruturar melhor sua prática.

4. Registrar, produzir e compartilhar experiências pedagógicas.

Em qualquer tipo de projeto ou programa, o relatório mostra como ele foi executado e quais foram os resultados obtidos. Sua elaboração é de extrema importância para toda a equipe envolvida, pois garante a memória de tudo o que se pretendia e como efetivamente aconteceu. Todos os registros feitos ao longo da execução do projeto são importantes para a redação do relatório e cabe a cada grupo definir quais são as melhores maneiras de registrar e acompanhar as ações do projeto.

Entretanto, muito do que os educadores fazem em sua prática pedagógica não provem de apenas de sua formação universitária. Sua prática pedagógica está imbuída de sua própria experiência de vida, de suas vitórias e fracassos na ação docente, de sua percepção sobre os alunos e a realidade na qual está exercendo sua profissão. Isso lhe proporciona um conhecimento que é diferenciado: são os saberes da experiência. O educador diante deste saber é ao mesmo tempo produtor e sujeito^{5,6,7,8}.

O educador é um membro de uma comunidade de profissionais, portanto, científica (que produz conhecimento sobre sua área) e social. O espaço educativo é um ambiente rico em experiências e vivências e o educador deve ter a responsabilidade e habilidade para transformar sua prática e pesquisa em contribuições educacionais⁹.

Para isso, é necessário que tenha uma postura reflexiva sobre sua prática, que reelabore seus conhecimentos, registre e socialize esse produto junto a outros profissionais da área. Enfatizamos, assim, a importância do

registro e da socialização das intervenções pedagógicas que possam consolidar um trabalho pautado na ação-reflexão-ação. A produção de conhecimentos que advém das experiências, sucessos e erros são valiosos para o alcance dos objetivos de uma intervenção de qualidade.

5. Referências Bibliográficas

- (1) VALENTINI, N. Percepções de competência, autoconceito e motivação: considerações sobre a prática esportiva. In: OLIVEIRA, A.; PRIM, G. **Fundamentos Pedagógicos para o programa segundo tempo**. Brasília: Ministério dos Esportes; Porto Alegre: UFRGS, 2008.
- (2) HAYDT, R. **Curso de Didática Geral**. São Paulo: Ática, 2006.
- (3) MOSSTON, M.; ASHWORTH, S. **La enseñanza de la educación física – la reforma de los estilos de enseñanza**. Barcelona: Hispano Europea, 1996.
- (4) TIBEAU, C. **Didática com criatividade – uma abordagem na Educação Física**. São Paulo: Ícone, 2011.
- (5) ALMEIDA, G. C. **Experiência e prática docente: diálogos pertinentes. Efdportes, Revista Digital**. Buenos Aires, Ano 15, nº 150, novembro, 2010. Disponível em: <<http://www.efdeportes.com/efd150/experiencia-e-pratica-docente-dialogos-pertinentes.htm>>. Acesso em: 10 fev. 2013.
- (6) SANTOS, R. O educador e a produção do conhecimento numa sociedade em transformação. **Revista Espaço Acadêmico**. Maringá, nº 35, abril, 2004. Disponível em: <http://www.espacoacademico.com.br/035/35pc_santos.htm>. Acesso em: 10 fev. 2013.
- (7) GATTI, B.; BARRETO, E. **Educadores do Brasil: impasses e desafios**. Brasília: UNESCO, 2009.
- (8) GATTI, B. Formação continuada de educadores: questão psicossocial. **Cadernos de Pesquisa**, n. 119, p. 191-204, julho, 2003.
- (9) LIBÂNEO, J.; PIMENTA, S. Formação dos profissionais da educação: visão crítica e perspectivas de mudança. In: PIMENTA, S. **Pedagogia e pedagogos: caminhos e perspectivas**. São Paulo: Cortez, 2002.